

COOPERATIVISMO RURAL

ONOFRE, Gisele Ramos¹; YOKOO, Sandra Carbonera²

RESUMO: Fruto de reflexões elaboradas no grupo de estudo do Laboratório de Geografia Humana – LAGEOH da Universidade Estadual do Paraná/ FECILCAM – Campus de Campo Mourão, esse estudo tem como objetivo central levantar considerações analíticas e questionamentos referentes ao cooperativismo rural, ressaltando a importância desse movimento para o processo de intensificação do capital na agricultura. Para tanto, a análise centra-se na perspectiva Dialética Materialista Histórica, haja vista que a dialética permite pensar a realidade histórica da estruturação e (re) estruturação do cooperativismo rural. Portanto, seguindo a referida perspectiva, a pesquisa centrou-se em apontamentos sobre a cooperação e o cooperativismo, para explicar a atual organização das cooperativas agrícolas que possuem seus objetivos diretamente ligados na ampliação, acumulação e reprodução do capital. Enfim, constata-se que o capitalismo agroindustrial se apropriou dos ganhos proporcionalmente maiores se comparado com os ganhos dos cooperados, especialmente aqueles que ainda permaneceram com bases artesanais e tecnicamente modestas.

Palavras-chave: Cooperativismo. Agricultura. Capital.

RURAL CO-OPERATIVISM

ABSTRACT: The present work is a result of discussions of the group of research in LAGEOH – Human Geography Laboratory – at Universidade Estadual do Paraná / Fecilcam – Campo Mourão Campus. The main aim of this research is to consider analytic questions about rural co-operativism, highlighting the importance of this activity to the process of capital intensification in agriculture. In order to reach the goals, the analysis is based on the Critical Historical Materialism approach, knowing that dialectics allows thinking the structuring and restructuring historical reality of rural co-operativism. Therefore, according to the approach referred above, the research focused on co-operation and co-operatives whose goal is to get, reproduce and expand capital. To conclude, it is verified that agricultural industry capitalism has made larger profits than the farmers who work with the co-operative, especially those that still work based on handmade and technically modest basis.

Keywords: Cooperatives. Agriculture. Capital.

¹Profª. da FECILCAM - Mestre em Geografia pela UEM – Universidade Estadual de Maringá e Doutora em Geografia pela USP – Universidade de São Paulo. E-mail: giseleramos@usp.br

² Profª. Colaboradora da FECILCAM – Mestre em Geografia pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. E-mail: sandracarbonera@ibest.com.br

INTRODUÇÃO

Esse estudo tem por objetivo tecer considerações analíticas e questionamentos referentes ao cooperativismo rural, desde sua origem, ressaltando a importância desse movimento para o processo de intensificação do capital na agricultura. Para tanto, a perspectiva de análise segue a Dialética Materialista Histórica, haja vista que a dialética permite pensar a realidade histórica da estruturação e (re) estruturação do cooperativismo rural.

Com essa perspectiva, desvenda-se os processos que norteiam a construção do movimento cooperativista, sobretudo os que reproduzem a organização da sociedade que, agora mais do que nunca, se encontra sob a hegemonia do capitalismo. Logo, a lógica dialética é o caminho de descoberta para uma definição conceitual de categorias analíticas que respondam às inquietudes do concreto.

Desse modo analítico, foram focalizados apontamentos sobre a cooperação e o cooperativismo com intuito de explicar a atual organização das cooperativas agrícolas, denominadas atualmente Agroindustriais cujos objetivos estão diretamente ligados à ampliação, acumulação e reprodução do capital.

Além disso, constata-se que atualmente, o movimento cooperativista vem sendo pensado abstratamente e isoladamente de seu contexto histórico-social, considerado em particular pelo governo brasileiro, como uma forma de ampliação do modo de produção capitalista que tem encontrado um alicerce para seu desenvolvimento na (re)criação dos preceitos desse movimento.

Nesse processo, a mídia juntamente com o governo brasileiro vem promovendo a vinculação do progresso e desenvolvimento econômico do modo de produção capitalista do Brasil, em particularidade por causa do cooperativismo. Segundo o MAPA, o movimento cooperativista possibilitou um crescimento da economia dos valores gerados pela produção e produtividade, sobretudo, quando se verifica os dados das cooperativas agropecuárias. Por conseguinte, as cooperativas passaram a ser consideradas *como uma das saídas para o desenvolvimento socioeconômico do país* (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2006).

Refletindo os dados do MAPA, verifica-se que as cooperativas na organização capitalista, passaram a funcionar como centralizadora de capital dos cooperados. Todavia, o cooperativismo nasceu, não para ajudar na ampliação e reprodução do modo de produção capitalista, mas como um meio de defesa da sociedade de trabalhadores excluídos do mercado que tinham como objetivo, melhorar as condições de sobrevivência por meio da cooperação que é *uma força coletiva*.

REFLEXÕES ACERCA DA COOPERAÇÃO E DO COOPERATIVISMO

Para entender a organização em cooperação, é preciso saber que a cooperação sempre fez parte da vida em sociedade, auxiliando na organização espacial, desde a pré-história. Nesse sentido, o pensamento de Marx (2008) auxilia a compreensão de que a cooperação na realidade vai ser a base para o desenvolvimento capitalista. Para o mesmo autor a cooperação é: “a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferente, mas conexos”. (MARX, 2008, 382) Logo, entende-se que:

A força do homem isolado é mínima, mas a junção dessas forças mínimas gera uma força total maior do que a soma das forças reunidas, bastando a simples união delas para diminuir o tempo e aumentar o espaço em que se executa a operação (MARX apud CARLI, 2008. p. 382).

Ao pensar refletir sobre a força do trabalho, fica evidente que a união dos trabalhadores gera uma nova força na produção, ou seja, a *força coletiva*, que se utiliza dos meios de produção. Com essa força, os trabalhadores, reunidos em um mesmo local, executam todas as etapas do processo produtivo, sob o comando do detentor do capital. Segundo Ferreira, a utilização da cooperação no modo de produção capitalista proporciona vantagens como:

[...] economias de escala (economia de capital constante decorrentes da ampliação da escala média de produção); aumento da produção em decorrência da emulação que se estabelece - e é estimulada pelo capital - entre trabalhadores no seio do coletivo operário; possibilidade de se realizar determinadas espécies de trabalho que requerem o concurso de elevado número de forças de trabalho simultaneamente, etc. (FERREIRA, 2000. p. 3).

No entanto, há que se destacar que o princípio de cooperação do modo de produção capitalista, faz com que o trabalhador perca o pleno controle do processo produtivo, na medida em que o controle e direção passam a ser exercidos pelo capital, começa uma separação entre o planejamento e a execução direta do trabalho. Realidade que já foi pensada por Karl Marx (2008).

A partir das reflexões de Marx (2008) sobre cooperação, observa-se que o próprio capitalismo requer condições para se manter em sua hegemonia, e a cooperação sendo a forma fundamental do Capitalismo, torna esse modo de produção subordinado ao trabalhador, que com seu trabalho produz mercadorias, que são a fonte dos lucros dos capitalistas.

Desse modo a classe trabalhadora, tentou romper com os capitalistas organizando sua força coletiva por meio da cooperação. Com a união em força coletiva, os trabalhadores elaboraram um movimento, pressupondo amenizar os traumas econômicos e sociais que os assolavam. Esse movimento ficou conhecido como *Cooperativismo*.

Keil & Monteiro (1982) elaboraram uma contextualização histórica sobre o cooperativismo, na qual verifica-se que esse movimento teve na primeira fase da Revolução Industrial seus primeiros passos estruturais (1760-1850), conduzidos por idealistas, como Robert Owen, Louis Blanc, Charles Fourier, entre outros, que *defendiam propostas baseadas nas ideias de ajuda mútua, igualdade, associativismo e autogestão*. Os idealistas do cooperativismo ao estudar as formas de organização das civilizações antigas, descobriram que a cooperação é um instrumento revolucionário para a organização social, capaz de modificar o comportamento da sociedade.

Entretanto, o primeiro movimento Cooperativista, aconteceu somente no ano de 1844, quando, em Rochdale, distrito de Lancashire, Inglaterra, 28 tecelões, buscando melhorar sua situação econômica, fundaram a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Nessa sociedade foram estabelecidos os *princípios básicos do cooperativismo*, organizados em um estatuto, que se firmou como fundamento da doutrina cooperativista mundial. (KEIL & MONTEIRO, 1982)

De acordo com Holyoake (2004) a partir dos princípios básicos elaborados, a implantação do movimento cooperativista ocorreu, notadamente, em virtude do processo de industrialização, que fez com que os artesãos e trabalhadores rurais migrassem para as grandes cidades, atraídos pelas fábricas em busca de melhores condições de vida. Essa migração resultou em excesso de mão-de-obra, aumentando a exploração do trabalhador de forma abusiva e desumana. Também, o novo modelo industrial prejudicou grandemente os trabalhadores, substituindo o trabalho artesanal, fato que gerou uma problemática social a ser resolvida, que encontrou nas propostas de cooperativismo uma válvula de escape ao problema. Por isso, a união dos 28 tecelões do bairro de Rochdale, resultou na criação de uma sociedade de consumo, baseada nesse movimento.

A partir do pensamento de Konzen & Krause (2002), o cooperativismo, por seus preceitos, não seria nem capitalista e nem socialista, seria uma terceira forma de organização da sociedade, que não admite poderes hierárquicos, todos têm que ter a mesma importância no decorrer do processo produtivo. A finalidade desse movimento define-se no atendimento das necessidades básicas de sobrevivência do homem, que com seu trabalho pode manter-se na dinâmica capitalista.

Na solidariedade cooperativista, os trabalhadores tem que se unir em cooperação, para vencer os riscos, bancar as despesas, distribuir igualmente o fruto do trabalho, em nome da coletividade. (KONZEN; KRAUSE, 2002 apud MARUCH; MAFIOLETTI, 2004).

Com a ideologia dos princípios solidários ao homem, esse movimento foi se afirmando no decorrer do tempo e estabelecendo os princípios cooperativistas como: a adesão livre, o controle democrático, o retorno dos excedentes em proporção às operações, etc. (MARUCH; MAFIOLETTI, 2004).

Todavia, Maruchi & Mafioletti (2004) observaram que em 1895, em Genebra, foi criada a Aliança Cooperativa Internacional que ratificou os princípios de Rochdale como a adesão voluntária e livre de seus membros; a gestão democrática; a participação econômica dos membros na criação e controle do capital, etc. Esta Aliança Cooperativa existe até hoje agregando as cooperativas de consumo ao norte da Inglaterra, as operárias francesas, que chegaram ao seu auge em 1848 e as de crédito rural alemã.

Cabe salientar segundo Paul Singer (1998) que com o fim do Socialismo como modelo econômico, esse movimento configurou-se como um novo arranjo para o modo de produção capitalista, refletido na criação de uma postura democrática e humanística que tem na cooperação, uma resistência para a individualidade que o Capitalismo impõe a sociedade. No entanto, constata-se que na atualidade, as cooperativas no interior de suas organizações, modificaram seus preceitos, para se tornarem cada vez mais competitivas, moldando novos padrões organizativos que utilizam a cooperação somente para fortalecer as relações econômicas, que são reproduzidas nas relações de trabalhos:

[...] culminando em uma forma de exploração do trabalho em bases cada vez mais exploradas e precarizadas. E os agentes envolvidos de modo associado, ao subordinar suas necessidades às exigências da produção e da comercialização, em grande medida não reproduzem seus meios de vida segundo relações de solidariedade e de igualdade, não porque não querem, mas porque as condições não permitem. (PAGOTTO, 2005, p.1)

Essa realidade exposta pelo pensamento de Pagotto (2005) é defendida desde 1900, nas teses de Rosa de Luxemburgo (2002), que observou que as cooperativas seriam na realidade uma forma de transformar os pobres em ricos. Desse modo, significa que a cooperativa pratica todos os métodos de *uma empresa capitalista*. Os cooperados desempenham o papel de empresários capitalistas, porque as cooperativas só podem *assegurar a sua existência no seio da economia capitalista*.

Segundo Luxemburgo (2002) as cooperativas não romperam com o Capitalismo, ao contrário, em seu desenvolvimento se tornaram mais uma forma da reprodução do capital, por isso as cooperativas, são instituições a serviço do capital e conseguem monopolizar o mercado, influenciando na organização do espaço geográfico.

Na formação do espaço geográfico, a hegemonização capitalista, faz com que o cooperativismo assuma um lugar representativo em discussões políticas e sociais, em escala mundial. Seu território cresce e se destaca, por causa do poder adquirido pelas cooperativas na reprodução, ampliação e acumulação de capital. No território das cooperativas, observa-se a promoção e o planejamento da produção, num conjunto de vários fatores estruturais de mercado, o que permite aumentar os ganhos dos cooperados.

No caso das cooperativas agrícolas, essas auxiliam o produtor na manutenção de suas máquinas, escolha ou produção de sementes, na compra de insumos e

compatibilização de safras, no transporte da agroindústria, na distribuição e armazenamento entre outros aspectos. O progresso técnico é imperativo e a produção cooperativa nessa perspectiva tem que promover modificações no processo produtivo de modo a garantir a melhora de qualidade da matéria-prima, aumentando o rendimento.

Assim, o movimento cooperativista, produziu por meio da capitalização de seus cooperados uma metamorfose dos princípios básicos de coletividade para criar uma nova força combatente do modo de produção capitalista, nutrindo a ordem vigente. E os cooperados passam a ser conforme o pensamento de Karl Marx (1984) sobre a transformação dos trabalhadores em prisioneiros que quando oprimidos pela ordem, conseguem encontrar a libertação da opressão, por meio da própria ordem, mantendo a estrutura, querendo *ser mais do que seres em si, mas seres que temem sua própria liberdade*.

Na busca da preservação da existência dos trabalhadores na sociedade capitalista, como Luxemburgo (2003) sugeriu, o cooperativismo é uma organização que torna os *pobres em ricos*, assegurando a conservação da classe burguesa. A existência dos burgueses assegura o território capitalista, que tem no cooperativismo a base para firmar seu processo *modernizante da sociedade*. A agricultura brasileira é um bom exemplo para explicar esse processo, particularmente tratando da análise dos resultados apresentados pelas cooperativas agropecuárias paranaense, que tiveram o marco de sua implantação a partir de 1970, quando a estrutura agrária passou por grandes modificações capitalistas, que foram denominadas como *processo de modernização da agricultura*. Transformações estimuladas pelo governo Federal, por meio de incentivos para o setor, que transformaram as cooperativas em instrumentos, agentes do processo de modernização.

Enfim, questiona-se o papel das cooperativas, que no decorrer do tempo está se estruturando com o intuito de centralização das riquezas de seus cooperados, haja vista que essas se transformaram em cooperativas capitalistas. Destarte, reafirma-se o pensamento de Kropotkin (1887) que defende uma organização social que garanta *a todos a possibilidade de trabalho que beneficie a sociedade, e isso naturalmente implica numa transformação radical das atuais relações entre o capital e o trabalho*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como reflexo da sociedade, Marx (2008) considera que, antes de tudo, o motivo e o objetivo do processo de produção capitalista é a sua maior expansão possível e a conexão entre os trabalhadores é o ideal, sendo que a força da cooperação se manifesta poderosamente para atender os objetivos capitalistas. Logo, a cooperação é a forma fundamental do modo capitalista.

No entanto cabe frisar em consideração, o pensamento de José de Souza Martins (1975) que discorre que a coletivização da venda dos produtos agrícolas, a coletivização da compra de insumos e outras mercadorias necessitadas pela sociedade, não atinge o processo de trabalho e nem a própria produção, que por causa da política internacional se volta ao mercado de exportação. O cooperativismo então apenas barateia os custos parcialmente na comercialização, sendo que os ganhos sociais da cooperação não estão principalmente na comercialização, mas sim na produção.

Por isso considera-se um sério problema, em qual ocorre drasticamente a ampliação da produção por meio da cooperação no trabalho, mas que as cooperativas se apropriam dos ganhos que deveriam ser social. E, onde a produção permanece em bases artesanais e tecnicamente modestas, mesmo o produtor cooperado acaba que trabalhando para o grande capitalista.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Anselmo. Uma abordagem sobre a problemática espaço-temporal no capitalismo contemporâneo. In: **Boletim Mineiro de Geografia**. Belo Horizonte, ano 8, n13, p. 9 -39. jul./dez. 2005.

BIALOSKORSKI NETO, S. et al. Agribusiness cooperativo, eficiência e princípios doutrinários. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 33, 1995.

BONILLA-MOLINA, Luis & TRUDI, Haiman El. **Educacion en la economia social**. Libro Digital Ediciones Gato Negro Caracas, Venezuela.2004. Disponível em www.rebellion.org. Acesso em: Agosto de 2008.

BULGARELLI, Waldirio. **As sociedades cooperativas e sua disciplina jurídica**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Renovar, 2000.

FERREIRA, Cândido Guerra. **Processo de trabalho, tecnologia e qualificação - notas para discussão**. Texto preparado para a mesa-redonda sobre o tema: “Processo de trabalho e Tecnologia” – Dep. de História do IFCH – UNICAMP, 2005.

FRANKE, Walmor. **Direito das sociedades cooperativas**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

FLEURY, M. T. L. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**, São Paulo: Global, 1983.

HOLYOAKE, George J. **Os 28 tecelões de Rochdale**, 5. ed. Porto Alegre: WS, 2004.

JÄGER. **Novas Propostas Cooperativistas**. Curitiba, 1994.

KEIL, Ivete Manetzeder & MONTEIRO, Silvio Tavares. **Os pioneiros de Rochdale e as distorções do cooperativismo na América Latina**. São Leopoldo (RS), Agosto de 1982. Disponível em: <http://www.cootrade.com.br/files/Download/pioneirosrochdale.pdf>. Acesso: Agosto de 2008.

KROPOTKIN, Peter. O crime do mundo livre. In: Woodcock, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre, L&PM Editores Ltda, 1981.

KONZEN, G. O.; KRAUSE, E. L. **Cooperativismo**: a empresa, sua contabilidade, sua auditoria. Unisinos - série cooperativismo e desenvolvimento rural e urbano - Cadernos Cedope, ano 13, nº22, 2002.

LUXEMBURGO, Rosa. Reforma ou Revolução – 1900. Transcrição de: [Fernando Araújo](#). In: **Luxemburg Internet Archive** (marxists.org), 2002. Disponível em: http://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref_rev/index.htm. Acesso em: agosto de 2008.

MARUCH, E. C.; MAFIOLETTI, R. L. **A Evolução do Cooperativismo e a Contribuição do Sicredi como Alternativa para o Desenvolvimento Econômico e Social**: O Caso do Sicredi Norte do Paraná – Monografia do curso de Agronegócios da UFPR, 2004.

MARX, Karl. Crítica ao programa de Gotha. In: **Textos**. Vol. I. São Paulo: Edições Sociais, 1975.

_____. Instruções para os delegados do conselho geral provisório. As diferentes questões. I Congresso da Associação Internacional dos trabalhadores. In: **Obras Escolhidas**. Tomo II. Lisboa: Edições Avante, 1983a.

_____. Mensagem inaugural da associação internacional dos trabalhadores. In: **Obras Escolhidas**. Tomo II. Lisboa: Edições Avante, 1983b.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política – Livro Primeiro, o processo de produção do capital. vol. 1. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** – 1º capítulo das teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984.

_____. **Manifesto comunista**. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

MLADENATZ, G. **Historia de Las Doctrinas Cooperativas**. México (Biblioteca de Economía da Sociedade Política): Editorial América, 1944.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Evolução do cooperativismo no Brasil**. DENACOOOP em ação. Brasília: MAPA, 2006.

OCB—Organização das Cooperativas Brasileiras. **O Cooperativismo no Brasil**. Disponibiliza todas as informações institucionais sobre o cooperativismo no Brasil. Disponível em: <www.ocb.org.br> Acesso em agosto de 2008.

OCEB – Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado da Bahia – **Saiba Mais**. Disponibiliza informações institucionais e históricas do cooperativismo no mundo, no Brasil e na Bahia. Disponível em: <www.oceb.org.br>. Acesso em agosto de 2008.

OCB. **Anuário do Cooperativismo Brasileiro**. Brasília/DF: OCB, 2004. Disponível em: www.ocb.org.br.

OCEPAR - Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. **Banco de dados das cooperativas paranaenses, vários números**. Curitiba: Ocepar/Sescoop, 2004. Disponível em: www.ocepar.org.br. Acesso em: Agosto de 2008.

PAGOTTO, Claudete. Cooperação: natureza social do homem realizada às margens do sistema capitalista. In: **Revista espaço acadêmico**. n. 45. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/045/45cpagotto.htm#_ftnref12 . Acesso: dezembro de 2005.

PRADO JUNIOR, Caio. **Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista**. Ed. Ridendo Castigat Mores. versão para eBookeBooksBrasil.com. In: Digital revista para esta edição. Disponível em: <http://netomoraais2007.googlepages.com/Teoriamarxistadomaterialismo.pdf>. Acesso: 07 de julho de 2008.

PINHO, D. B. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro**. São Paulo: CNPq, 1977, 272 p.

_____. **Tipologia cooperativista**: por Américo Utumi e outros. São Paulo: CNPq, 1984.

PORTAL DO COOPERATIVISMO. Disponível em: http://www.portaldocooperativismo.org.br/sescoop/cooperativismo/estrutura_cooperativismo.asp#cooperativismo. Acesso em: agosto de 2008.

SINGER, PAUL. **Uma Utopia Militante: repensando o socialismo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

VALADARES, J. H. **Cooperativismo**: lições para a nossa prática. Brasília: SESCOOP, 2003. 136p.